

<http://doi.org/10.47369/eidea-23-2-3918>



Alguns conceitos-chave da Retórica Crítica Uma entrevista com Raymie McKerrow¹

Entrevistado: **Raymie McKerrow**

Professor Emérito da Universidade de Ohio, Estados Unidos

orcid.org/0000-0002-7895-8871

Tradução:

Patricia Alejandra Faúndez Ríos

IDI Research Group da Universidade das Américas, Chile

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Isabel Cristina Michelin de Azevedo

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Nesta entrevista, são destacadas a trajetória acadêmica do professor emérito Raymie McKerrow e alguns conceitos-chaves na Retórica Crítica (RC), desde sua proposição até as publicações mais recentes. O percurso metodológico desta entrevista seguiu os seguintes passos: contato com o professor para obter a anuência em participar da entrevista e estabelecimento de trocas de correios eletrônicos a fim de articular perguntas e respostas. Nesse diálogo, houve a oportunidade de discutir o perfil multidisciplinar dessa vertente retórica e a importância da teoria de poder de Foucault para a formulação dos conceitos de crítica da dominação ou da liberdade e a dialética do controle. Também é possível compreender a apropriação realizada pela RC para gerar mudanças nas relações sociais constituídas em sociedade. Finalmente, ressalta-se a relevância do trabalho do autor, uma vez que ele estabeleceu as bases de uma nova perspectiva retórica nas ciências da linguagem e nos estudos da comunicação.

Palavras-chave: Retórica Crítica. Crítica da dominação. Crítica da liberdade. Dialética do controle.

Some key concepts of Critical Rhetoric: a conversation with Raymie McKerrow

This interview highlights the academic career of the Professor Emeritus Raymie McKerrow and some key concepts of Critical Rhetoric (CR) since its proposition until his most recent publications. The methodological steps of this interview were as follows: a first contact with the teacher to obtain his acceptance to carry out the interview and the constant emails exchange in order to elaborate questions and answers. In this dialogue, there was a chance to discuss the multidisciplinary outline of that rhetoric perspective and the importance of Foucault's theory of power for the formulation of the concepts of critique of freedom or domination, and the dialectic of control. Furthermore, it is possible to understand the appropriation done by CR to generate changes in the social relationships built in society. Finally, it is pointed up the significance of the author's work since he established the basis of a new rhetorical perspective in language science and in communication studies.

Keywords: Critical Rhetoric. Critique of domination. Critique of freedom. Dialectic of control.

¹ A Revista EID&A agradece a Raymie McKerrow pela gentil entrevista dada a Patricia Alejandra Faúndez Ríos e Isabel Cristina Michelin de Azevedo.

Apresentação

Raymie McKerrow é um renomado intelectual norte-americano que lecionou em várias universidades, incluindo a Universidade de Wisconsin-Madison, a Universidade da Maine e a Universidade de Ohio – onde se aposentou da carreira acadêmica em 2017, após se tornar professor emérito –, além de trabalhar como professor visitante em várias outras instituições de ensino superior nos Estados Unidos e no exterior. Na Universidade de Ohio, assumiu diferentes funções acadêmicas e postos de gestão, além de participar ativamente do Conselho Editorial de variados periódicos, incluindo *Communication Quarterly*, *Argumentation and Advocacy*, *Communication Studies*, *American Communication Journal*, *Communication Monographs*, *Quarterly Journal of Speech*, *Advances in the History of Rhetoric*, *Journal of Communication*.

Foi autor e coautor de mais de 70 artigos, editor e coautor de 18 livros, entre outras produções científicas, além de receber distintos prêmios e honras – como o Prêmio pelo conjunto de sua obra promovido pela Divisão de Estudos Críticos e Culturais da Associação Nacional de Comunicação, em novembro de 2009 –, confirmando sua representatividade no ambiente acadêmico internacional.

“Em Ciências Humanas, a delimitação de fundamentos, objetos e métodos não é uma tarefa simples nem neutra, e são observados desafios pelos quais passam profissionais de outras áreas/campos [...]” (Azevedo; Piris, 2023, p. 227). Apesar disso, a produtividade do trabalho de McKerrow indica que há teóricos das humanidades que conseguem trabalhar muito bem em campos indisciplinados.

A articulação entre retórica e ideologia, desde o início de 1980, proporcionou um amadurecimento intelectual construído ao longo de toda a década. Isso possibilitou que, em 1989, em seguimento à virada ideológica e aos postulados do materialismo histórico, com a parceria com Michael Calvin McGee, Raymie E. McKerrow publicasse o ensaio “Critical rhetoric: Theory and praxis”, a partir do qual foram estabelecidos os oito princípios que orientam a retórica como prática crítica². Esse trabalho constituiu um projeto que pretendia realizar tanto uma *crítica da dominação*, a fim de emancipar os sujeitos de forças opressoras, quanto uma *crítica da liberdade*, que constrói uma reflexividade fundada na práxis e na análise das relações de poder (McKerrow, 1991).

² Os oito princípios da Retórica Crítica, postulados por McKerrow em 1989, são: 1. *Ideologiekritik* [Crítica de Ideologia] não é um método, mas uma prática; 2. O discurso de poder é material; 3. A retórica constitui um conhecimento *doxástico* ao invés de *epistêmico*; 4. Nomear é o ato simbólico central de uma retórica nominalista; 5. Influência não é causalidade; 6. A ausência é tão importante quanto a presença na compreensão e avaliação da ação simbólica; 7. Fragmentos contêm o potencial de interpretação polissêmico; 8. Criticismo é uma *performance* (cf. Azevedo, 2020).

Em 2020, no trigésimo aniversário de publicação desse texto, foi organizado um número especial em torno das pesquisas alinhadas à Retórica Crítica (<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/13951/2970>). Os textos são acompanhados de entrevistas em vídeo, realizada por Art Herbig (<https://www.youtube.com/watch?v=LmDEXow83GQ>). Nesse material, Mckerrow se posiciona explicitamente em prol da liberdade como meio para diversificar, desafiar e reimaginar o que entendemos por erudição. Ele também explica que os retóricos críticos fazem grandes perguntas com mais frequência do que encontram respostas simples, mas é essa complexidade que tem possibilitado a ampliação dos estudos e pesquisas, sobretudo em tempos cada vez mais conflitantes, controversos e complicados, visto que os retóricos críticos desafiam continuamente o que sabemos em torno do passado, presente e futuro.

Esse estimado pensador declarou que deve sua ética de trabalho aos primeiros anos de trabalho na fazenda de seus pais em Montana e que o apreço pela retórica clássica surgiu durante os estudos acadêmicos na graduação e pós-graduação. Enquanto trabalhava com história retórica, iniciou estudos em teoria do argumento, mas esse tipo de pesquisa não se prolongou muito. Lembra também que Douglas Ehninger foi seu principal conselheiro no início de seus estudos acadêmicos, além de ensinar uma importante lição ainda válida: é sempre possível demonstrar respeito pelo trabalho de outra pessoa, levando-o a sério o suficiente para criticar as suas conclusões. Ao longo de sua experiência profissional, McKerrow (2008) aprendeu que é possível fazer pesquisas de qualidade em qualquer instituição disposta a dar algum tempo e apoio ao pesquisador. Como professor, declarou que as novas turmas de estudantes provocavam nele sensação de admiração e entusiasmo, além de o deixar energizado para realizar as atividades.

As atividades realizadas por mais de 40 anos proporcionaram a integração de diferentes profissionais, ligados ao criticismo, ao projeto da Retórica Crítica. A diversidade temática e de objetos de estudo têm sido uma marca importante nessa área de estudos e pesquisas, bem como a motivação por realizar um trabalho intelectual vinculado aos problemas sociais vigentes, como é destacado por McKerrow ao longo da entrevista a seguir. Essas características marcam a produtividade desse esforço coletivo, empreendido por pesquisadores localizados em diversas partes do mundo.

Entrevista

EID&A: De acordo com um artigo autobiográfico publicado em 2008, na Revista de Comunicação, volume 8, vimos que o senhor fez parte de grupos de debate no ensino médio e que depois disso iniciou uma especialização em comunicação, e que nos primeiros anos na universidade demonstrou interesse pela retórica clássica. Porém, o que realmente despertou seu interesse por essa área?

Raymie McKerrow: Eu estava frequentando uma pequena faculdade em Billings Montana depois do ensino médio – que na época se chamava *Eastern Montana College*. Continuei meu envolvimento com a retórica (particpei de discursos improvisados e concursos de oratória original em diversas instituições da área). Sendo formado no EMC³ não tinha especialização em oratória, então me transferi para a *Southern Illinois University* e continuei em retórica, graduando-me em comunicação (também casei com minha esposa há quase 58 anos, pouco antes de ir para a Universidade de Illinois – tínhamos 20 e 19 anos!). Isso me levou a fazer mestrado no Estado do Colorado (meu melhor amigo também estava indo para lá, o que nos levou àquela instituição) e depois mudamos para eu fazer doutorado em Iowa – porque eu conhecia a pesquisa feita por um reconhecido professor lá, e eu queria trabalhar com ele.

EID&A: No artigo autobiográfico que acabamos de mencionar, você indicou que o conceito de Retórica Crítica surgiu durante diversas conversas que teve com Michael Calvin McGee. Considerando isso e a enorme relevância que este pesquisador tem na área, gostaríamos de saber mais sobre sua relação com esse acadêmico. Como você entrou em contato pela primeira vez? Como você começou a falar com ele sobre retórica? E o que o fez pensar na necessidade de fundar uma nova disciplina dentro da retórica?

Raymie McKerrow: McGee e eu nos conhecemos quando ele passou um semestre lecionando na Universidade de Wisconsin, onde eu também fazia parte do corpo docente na época. Resumindo, dois garotos do interior foram tomar uma cerveja e se conectaram em uma conversa que marcou nossos interesses e origens semelhantes. Essa conversa tornou-se a base de uma amizade contínua, até à sua morte prematura. Já disse publicamente, muitas vezes, que não teria me tornado o acadêmico que sou hoje sem a sua influência – discutimos pela primeira vez ideias que se tornaram a base do ensaio de Retórica Crítica (RC) no início da década de 1980.

³ EMC é a abreviação da universidade *Eastern Montana College*.

EID&A: Temos consciência de que a Retórica Crítica foi desenvolvida no contexto da virada ideológica dos estudos pragmáticos na década de 1980. Entendemos também que esse tipo de retórica objetiva realizar uma ação reflexiva sobre um contexto histórico e cultural, no qual o discurso é produzido, e que a Retórica Crítica também busca discutir as dimensões da dominação e da liberdade nas práticas discursivas. No entanto, ficaríamos honrados em ouvir com suas próprias palavras qual é a definição e os objetivos desse campo de estudos.

Raymie McKerrow: Como indiquei num ensaio na *Encyclopedia of Rhetoric*, ao usar uma crítica da dominação ou da liberdade, o alvo da crítica ou *rhētōr* é um compromisso com a mudança. “Se a crítica estabelece um julgamento social sobre ‘o que fazer’ como resultado da análise, ela deve, no entanto, servir para identificar as possibilidades de ações futuras disponíveis aos participantes” (McKerrow, 1989, p. 92).

Como argumentaram Ono e Sloop a crítica da liberdade traz consigo um objetivo de mudança específica no momento individual de defesa de direitos. Depois que as coisas foram alteradas e os relacionamentos foram construídos em novas linhas, o engajamento retorna para perguntar se esta é a melhor opção disponível. A prática da Retórica Crítica (RC) funciona a partir da pesquisa e não de um método ou meio específico de análise.⁴ (McKerrow, 2001, p. 642, tradução nossa).

Desta forma, a RC é uma abordagem aberta à avaliação num determinado contexto, concentra a atenção no poder repressivo (dominação) e no poder produtivo (liberdade), sendo estes vistos como “duas faces da mesma moeda” (Ono; Sloop, 1992, p. 50).

EID&A: Na nossa opinião, a Retórica Crítica incorpora teorias fundadas em outros campos como a teoria feminista ou a teoria de Foucault, entre muitas outras, mas como é que essas ideias multidisciplinares contribuem para a teorização deste tipo de retórica?

Raymie McKerrow: A utilização dessas bases teóricas para a análise dos componentes da RC foi fundamental. Foucault, em particular, foi central na análise do poder. Meu uso do feminismo cresceu com o tempo, quando comecei a ensinar Retórica Feminista em cursos de graduação e pós-graduação. Os “princípios da práxis” no ensaio de 1989 formaram a base da prática crítica.

⁴ No original: “[...] As Ono and Sloop have argued, the critique of freedom carries with it a goal of specific change in the individual moment of advocacy. Once matters have been altered, and relationships have been constructed along new lines, the commitment returns to ask if this is the best option available. The practice of critical rhetoric works from inquiry rather than from a specific method or means of analysis.” (McKerrow, 2001, p. 642)

EID&A: Em 1989, a Retórica Crítica foi introduzida nos estudos retóricos com seu ensaio, no entanto, após passar pouco mais de 30 anos desde sua formulação inicial, há agora novos desenvolvimentos, como a Retórica Crítica Participativa, com autores como Middleton *et al.* (2015). O que você acha dessa proposta? Que mudanças você apontaria? Se você considerar que há alguma.

Raymie McKerrow: Na verdade, eu não faria nenhuma alteração no trabalho realizado na Retórica Crítica Participativa, e um princípio fundamental que sigo é que não sou “proprietário” da RC. O que as pessoas fazem com ela, como a estendem ou aplicam, é problema dos pesquisadores. Posso não concordar com o que eles fizeram, mas não vou contestar a aplicação do conceito. Essa é a minha abordagem em relação à Retórica Crítica Participativa.

EID&A: Nas próximas perguntas gostaríamos de discutir o artigo inaugural da Retórica Crítica intitulado “Retórica Crítica: Teoria e Práxis” devido à sua importância significativa para o campo. Desta forma, voltemos um pouco no tempo. Neste primeiro artigo, o senhor disse que “uma pessoa não pode escapar da influência dos atores dominantes” (McKerrow, 1989, p. 94) e depois citou Giddens (1979, p. 149) para afirmar que a única possibilidade é participar da “dialética do controle”. Nesse contexto, como você descreveria essa dialética com suas próprias palavras?

Raymie McKerrow: Em relação à “dialética” o que se pretende aqui é sugerir que a “dialética do controle” envolve uma conversa entre dominante e dominado – entre “superior” e a pessoa percebida como “inferior”, de alguma forma, e com relação a uma determinada situação. O “domínio” não precisa ser universal entre todas as partes de um relacionamento ou questão. Pode ser que a dialética do controle sofra múltiplas mudanças ao longo do tempo entre os indivíduos. O que escrevi não reflete isso como deveria – a frase “em termos de classes...” parece criar uma relação permanente entre as pessoas –, pode, em algumas situações, ser variável. Um termo chave no trecho abaixo é “desafiado” – isto é, todos estamos submetidos à ideologia dominante ou ao conjunto de valores que permeia a sociedade. Existem, claro, variações na influência de alguns valores ou posições ideológicas – portanto, existem diferenças de opinião, como tenho insistido:

No entanto, o ímpeto para assim funcionar, e a possibilidade de mudança, são silenciados pelo facto de o sujeito já estar interpelado pela ideologia dominante. As ações orientadas para a mudança tenderão a conduzir à manutenção do poder e não à sua eliminação.

O lócus da “dialética do controle” pode ser encontrado no discurso que se articula entre classe e povo. Tanto os dominantes como os dominados recorrem a uma retórica que se dirige ao povo em termos das classes a que pertence⁵ (McKerrow, 1989, p. 94, tradução nossa).

EID&A: No artigo introdutório à Retórica Crítica, o senhor cita o ceticismo e anarquismo na teoria do poder de Foucault, mas gostaríamos de saber como esses dois conceitos se relacionam com o poder na perspectiva da Retórica Crítica.

Raymie McKerrow: Os termos chave nessa questão são “crítica permanente” e “privilégio”. Em primeiro lugar, cada mudança nas relações sociais provavelmente altera o poder que existe entre as pessoas. Algumas pessoas mantêm o privilégio ou ganham novos privilégios, mas outras o perdem de alguma forma. A questão chave passa a ser: somos melhores ou piores para a mudança, seja na sociedade como um todo seja como indivíduos envolvidos numa discussão dialética que invoca diferenças de poder que existem nessa relação específica? No que diz respeito à ilegalidade, aplica-se a frase “liberdade sem propósito”, o que sugere que a ilegalidade não tem outra meta ou objetivo que não seja ganhar a liberdade – mas o que vem a seguir? O que acontece depois que você consegue sua liberdade?

EID&A: Ainda no artigo inicial, você disse que “o discurso é a dimensão tática da operação do poder em suas múltiplas relações em todos os níveis da sociedade, e entre suas instituições, grupos e indivíduos” (McKerrow, 1989, p. 98). Quanto a essa definição de discurso e poder, você poderia explicar o que quis dizer com a ideia de que o discurso é “a dimensão tática da operação do poder”?

Raymie McKerrow: A “dimensão tática” sugere um processo por meio do qual o discurso é utilizado estrategicamente para atingir algum objetivo. Como a mudança acontece? O que quis dizer com a frase acima (como o considero agora!) é que uma principal, senão a principal forma pela qual as relações de poder se manifestam e estão abertas à alteração é pelo discurso. “Táticas” implicam planejamento prévio – pensar antecipadamente sobre como lidar com uma situação.

⁵ No original: “[...] Nevertheless, the impetus to so function, and the possibility of change, is muted by the fact that the subject already is interpellated with the dominant ideology. Actions oriented toward change will tend to be conducive to power maintenance rather than to its removal.

The locus of the “dialectic of control” can be found in discourse which articulates between class and people. The dominant and the dominated both have recourse to a rhetoric which address the people in terms of the classes to which they belong [...] (McKerrow, 1989, p. 94).

EID&A: Como conclusão desta entrevista e a respeito do artigo “Research in Rhetoric” Revisited (2015), na parte em que citou David Zarefsky (2004), o senhor disse que uma questão significativa é se a retórica “pode ser aplicada a qualquer assunto, ou se cada assunto pode ser reduzido a uma construção retórica”, gostaríamos de saber a sua opinião sobre isso, já que esse referido artigo foi publicado há oito anos. Você ainda concorda com a conclusão de Schiappa (2001)? E se isso acontecer, você se poderia explicar melhor essa ideia?

Raymie McKerrow: Incluí o comentário completo abaixo porque ainda concordo com a conclusão de Schiappa.

Definir um termo de forma ampla não significa necessariamente que ele não tenha sentido ou seja inútil. O que é significativo na viragem retórica não é que “tudo é retórica”, mas que uma perspectiva retórica e um vocabulário podem ser potencialmente usados para compreender e descrever uma vasta gama de fenômenos.⁶ (SCHIAPPA, p. 268, 2001, tradução nossa)

Como o artigo sugere, essa questão envolve a conversa sobre “Grande-Pequeno” que era um tema dominante na época. O conceito chave aqui é “tudo é retórica”. Como descobri no ensaio, esse não é o caso. Em vez disso, como observado abaixo, uma perspectiva retórica é uma ferramenta valiosa a ser usada na compreensão e/ou alteração de uma relação de poder específica, ou na consecução de algum outro objetivo. Meu exemplo foi que “morte” não é, por si só, “retórica”. Presume-se que essa característica esteja na forma como respondemos a esta ocorrência, e como usamos a “morte” como meio para expressar algumas ideias sobre, por exemplo, a situação atual na Rússia/Ucrânia.

Referências

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. O aporte da retórica crítica de Raymie McKerrow para os estudos da argumentação. *Verbum*, v. 9, n. 1, p. 11-31, mai 2020.

AZEVEDO, Isabel Cristina M.; PIRIS, Eduardo Lopes. A Retórica Crítica nas distintas perspectivas de Michael Calvin McGee e Raymie McKerrow. In: PIRIS, Eduardo Lopes; GRÁCIO, Rui Alexandre.

Introdução às teorias da argumentação. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 209-235.

GIDDENS, A. **Central problems in social theory.** Berkeley, CA: University of California Press, 1979.

MIDDLETON, M.; HESS, A.; ENDRES, D.; SENDA-COOK, S. **Participatory critical rhetoric: Theoretical and methodological foundations for studying rhetoric in situ.** Lanham, MD: Lexington Books, 2015.

⁶ No original: “[...] To define a term broadly does not necessarily make the term meaningless or useless. What is significant about the rhetorical turn is not that “everything is rhetoric,” but that a rhetorical perspective and vocabulary potentially can be used to understand and describe a wide range of phenomena.” (SCHIAPPA, p. 268, 2001)

- McKERRROW, Raymie E. Critical Rhetoric Theory and Praxis. **Communication Monographs**, v. 56, p. 91-111, 1989.
- McKERRROW, Raymie E. Critical rhetoric in a postmodern world. **Quarterly Journal of Speech**, v. 77, n. 1, p. 75-78, 1991.
- McKERRROW, Raymie E. Critical Rhetoric and Propaganda Studies. In: ANDERSON, J. (Ed.). **Communication Yearbook**, 14, p. 249-255, 1991.
- McKERRROW, Raymie E. Critical Rhetoric and the Possibility of the Subject. In: ANGUS, I.; LANGSDORF, L. (Eds.). **The Critical Turn: Rhetoric and Philosophy in Postmodern Discourse**. Carbondale: Southern Illinois University Press, p. 51-67, 1993.
- McKERRROW, Raymie E. Overcoming Fatalism: Rhetoric/Argument in Postmodernity. In: McKERRROW, R. (Ed.). **Argument and the Postmodern Challenge**. Annandale: SCA/AFA, p. 119-121, 1993.
- McKERRROW, Raymie E. Rhetoric and the Construction of a Deliberative Community. **Southern Communication Journal**, v. 62, p. 350-356, 1998.
- McKERRROW, Raymie E. Corporeality and Cultural Rhetoric: A Site for Rhetoric's Future. **Southern Communication Journal**, v. 63, p. 315-328, 1998.
- McKERRROW, Raymie E. Space and Time in a Postmodern Polity. **Western Journal of Communication**, v. 63, p. 271-290, 1999.
- McKERRROW, Raymie E. Opening the Future: Postmodern Rhetoric in a Multi-Cultural World. In: GONZALEZ, A.; TANNO, D.V. (Eds.). **Rhetoric in Intercultural Contexts**. Newbury Park: Sage, p. 41-46, 2000.
- McKERRROW, Raymie E. Critical Rhetoric. In: SLOANE, T. (Ed.). **Encyclopedia of Rhetoric**. New York: Oxford University Press, p. 641-644, 2001.
- McKERRROW, Raymie E. 2000 President, National Communication Association. **The Review of Communication**, v. 8, n. 4, p. 331-338, 2008.
- McKERRROW, Raymie E. Critical Rhetoric. In: LITTLEJOHN, S.; FOSS, K. (Eds.). **Encyclopedia of Communication Theory**. Thousand Oaks: Sage, v. 1, 2009.
- McKERRROW, Raymie E. The Rhetorical Citizen: Enacting Agency. In: KOCK, C.; VILLADSEN, L. (Eds.). **Contemporary Rhetorical Citizenship**. Leiden, Netherlands: Leiden Univ. Press, p. 239-254, 2014.
- McKERRROW, Raymie E. "Research in Rhetoric" Revisited. **Quarterly Journal of Speech**, v.101, n. 1, p. 151-161, 2015.
- McKERRROW, Raymie E; HERBIG, Art. Critical Rhetoric: An Introduction. **International Journal of Communication**, v. 14, p. 926-936, 2020.
- McKERRROW, Raymie E. Critical Rhetoric: An Orientation Toward Criticism. In: KUYPERS, J. (Ed.). **Rhetorical Criticism: Perspectives in Action**. 3rd Ed. Lanham: Rowman & Littlefield. 321-338, 2021.
- SCHIAPPA, E. Second Thoughts on the Critiques of Big Rhetoric. **Philosophy & Rhetoric**, v. 34, n. 3, 260-274, 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40238095>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- ONO, Kent A.; SLOOP, John M. Commitment to *Telos* – A Sustained Critical Rhetoric. **Communication Monographs**, v. 59, 1992, p. 48-60.

SLOANE, Thomas O. **Encyclopedia of Rhetoric**. Berkeley: Oxford University Press, 2001.

VITALE, María Alejandra. Hacia una retórica crítica. In: MARTÍNEZ DE LA ESCALERA *et al.* **Convergencias teóricas**. Usos y alcances de la retórica. Homenaje a Helena Beristáin. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015. p. 27-34.

ZAREFSKY, David. Institutional and Social Goals for Rhetoric. **Rhetoric Society Quarterly**, v. 34, n. 3, 2004.